

## 18

# Cantiga da Reencarnação



Um homem agonizava, mas embora  
Não pudesse expressar palavra alguma,  
Na sombra interior que o desarvora,  
Pede em silêncio ao corpo:  
— “Ampara-me, por Deus!  
Eu não quero morrer, ajuda, corpo amigo,  
Não te quero deixar, preciso estar contigo,  
Sem ti temo cair em abismos fatais...”

Era o apelo de instantes derradeiros  
Naquele portador de moléstia obscura,  
Que ainda não chegara aos cinqüenta janeiros  
E que tudo indicava  
Estar descendo à morte prematura.

De consciência lúcida, lembrava  
Em contrição sincera,  
As forças que gastara, inutilmente,  
As noites dos excessos de aguardente  
E os abusos sem conta que fizera...

E, ante a morte a surgir, sempre mais perto,  
Continua a rogar ao corpo enfraquecido:  
— “Corpo que Deus me deu, não me deixes caído,  
Quero mais tempo, a fim de preparar-me  
Para aceitar sem medo e sem alarme,  
A idéia de perder-te e entrar em rumo incerto”.

Entretanto,  
De espírito cansado,  
A desfazer-se em pranto,  
Nas vascas da agonia,  
Ouviu a voz do corpo fatigado,  
Que, por fim, lhe dizia:

“Escuta, meu amigo,  
 Eu sou teu servo e sei que és meu senhor,  
 Sempre te obedeci com desvelado amor,  
 Deus me criou para a missão  
 De atender-te em completa servidão.  
 Nunca me viste a desobedecer  
 As ordens que me deste  
 Fossem justas ou não,  
 Porquanto o meu dever  
 É o de servir-te sem reclamação.  
 Mas indaga de ti quanta vez me impuseste  
 Noitadas de prazer, ruinosas ou vazias,  
 Depredando-me as próprias energias  
 Que Deus me concedeu, em teu favor...  
 Embora eu te avisasse  
 Com a minha própria dor  
 Que o remorso produz tristeza e enfermidade,  
 Adquiriste, displicente,  
 Cargas de sombra sobre a própria mente,  
 Culpas e culpas sem necessidade...  
 Repito: sou teu servo e, em nada te condeno,  
 Mas demonstrando entendimento estreito,  
 Gastaste-me as reservas sem proveito,  
 Consumindo-me as forças,  
 A pedaços de abuso e a doses de veneno...  
 Dei-te tudo o que eu tinha,  
 Nada me resta agora,  
 Senão me recolher à derradeira hora,  
 Em que eu deva tornar, com segura presteza,  
 À recomposição da natureza!...”  
 O homem ouviu o corpo em despedida  
 Mas não tinha defesa  
 Contra os próprios desmandos, ante a vida...  
 No silêncio de mágoa indefinida,

... Cada pessoa na Terra  
 intimamente é chamada  
 a servir, de  
 estrada à estrada,  
 para a vitória  
 do bem.

Voltou-se para Deus em oração,  
 Pediu misericórdia, amparo e proteção,  
 E, ante o corpo que se lhe enrijecia,  
 Chorou o companheiro que perdia...  
 Longo tempo passou, em clima de amargura,  
 No entanto, ao se afundar em crises de loucura,  
 Fez-se-lhe a prece continuada,  
 Nos sofrimentos em que avança  
 Um clarão de esperança...  
 Tinha nódoas de culpa, em lágrimas sofria,  
 Mas o Céu lhe apontava a luz de novo dia...  
 No íntimo, o Senhor o exortava somente  
 A regressar ao mundo e tentar novamente  
 Extinguir em si mesmo os males que trazia...

O espírito em falência, exâmico, inseguro  
 Pensou nas novas bênçãos do futuro,  
 Viu a reparação por justiça e dever,  
 E agradecendo aos Céus  
 Gritou feliz, livre mas preso ao chão:  
 — “Glória a Deus pela bênção de sofrer,  
 Glória à reencarnação que obterei um dia,  
 A fim de achar na dor a essência da alegria,  
 O dom de trabalhar e a graça de nascer!”